

CRISE NO BRASIL

Brasil cai para 9ª maior economia

País, que tinha o sétimo maior PIB global no ano passado, será ultrapassado pela Índia e pela Itália, segundo previsão do FMI

SÃO PAULO

Com a recessão e a valorização do dólar, o Brasil vai terminar o ano como a nona maior economia mundial, segundo previsão do Fundo Monetário Internacional (FMI).

O País, que tinha o sétimo maior PIB global no ano passado, não apenas será ultrapassado pela Índia, como o próprio Fundo já previa em suas projeções de abril, mas também ficará atrás da Itália.

A última vez que o Brasil não ficou entre as oito maiores economias mundiais foi em 2007. Naquele ano, o País tinha o décimo PIB global, mas a crise americana veio logo a seguir, arrastando a economia europeia e derrubando os PIBs de Espanha e Itália, que antes estavam à frente do brasileiro.

Pelos cálculos do FMI, o PIB brasileiro será de US\$ 1,8 trilhão (R\$ 6,9 trilhões) neste ano, o menor, em valores correntes, desde 2009. No ano passado, ele ficou em US\$ 2,3 trilhões (R\$ 8,8 trilhões).

O declínio do Brasil no ranking das maiores economias globais deve-se em parte à recessão atual. O Fundo prevê que a economia brasileira vai encolher 3% neste ano, 1,5 ponto percentual mais que na projeção anterior, de julho.

Outra parte importante deve-se ao dólar, que subiu mais de 50% em relação ao real neste ano, em meio a tensões externas (expectativa de aumento dos juros nos EUA) e principalmente internas (dificuldades do governo nas suas relações com o Congresso e dúvidas sobre o cumprimento da meta fiscal).

Como os cálculos do FMI para comparação global são feitos em dólar, variações bruscas na cotação



REUTERS

REUNIÃO DO FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL: cálculo do FMI prevê que o PIB brasileiro será de R\$ 6,9 trilhões neste ano. O menor, em valores correntes, desde 2009. No ano passado, ele ficou em R\$ 8,8 trilhões

da moeda americana têm impacto na medição do PIB de cada país.

Quando o cálculo é feito levando em conta a paridade do poder de compra, o País permanece em sétimo lugar, com 2,84% do PIB global, ante 3,01% em 2014. Na projeção de abril, o FMI estimava que essa participação neste ano seria de 2,90% do PIB.

O cálculo da paridade do poder de compra tenta eliminar distorções, criando uma taxa de conversão que reflita adequadamente o custo de vida de cada país.

Em termos per capita, em valores correntes, o País caiu de 61º (US\$ 11,6 mil — R\$ 44,5 mil) em 2014 para 70º (US\$ 8.802 — R\$ 33,7 mil) neste ano. Em paridade do poder de compra, a queda foi menor: de 75º para 77º.

Cenário sombrio para o mundo

No mesmo dia em que o Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciou novas projeções para a economia global — com crescimento de 3,1% para o mundo —, a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad) divulgou seu relatório “Comércio e Desenvolvimento 2015” com um cenário sombrio para o mundo e, em especial, para os países em desenvolvimento.

Sem conseguir retomar o ritmo de crescimento de antes da crise mundial, o mundo vive uma situação de “novo anormal”, segundo a Unctad — em contraponto à ex-



MOVIMENTO no comércio: retração

pressão usada pelo FMI de “novo normal” — com queda ou estagnação do crescimento no mundo.

O documento aponta que, após um período em que se acreditava nos melhores ventos para a economia mundial, as dúvidas voltaram a emergir.

O quadro de baixo crescimento — com expectativa de expansão de 2,5% da economia global, frente à média de 4% antes da crise de 2008-2009 — traz de volta a ideia da estagnação secular, período prolongado de desaceleração no crescimento econômico nas economias avançadas, diz a agência da ONU.

MAIORES ECONOMIAS DO MUNDO

PAÍS	PROJEÇÃO DE PIB PARA 2015
1 ESTADOS UNIDOS	US\$ 18 TRILHÕES
2 CHINA	US\$ 11,4 TRILHÕES
3 JAPÃO	US\$ 4,1 TRILHÕES
4 ALEMANHA	US\$ 3,4 TRILHÕES
5 REINO UNIDO	US\$ 2,9 TRILHÕES
6 FRANÇA	US\$ 2,4 TRILHÕES
7 ÍNDIA	US\$ 2,2 TRILHÕES
8 ITÁLIA (SUBIU UM NÍVEL)	US\$ 1,8 TRILHÃO
9 BRASIL (CAIU UM NÍVEL)	US\$ 1,8 TRILHÃO
10 CANADÁ	US\$ 1,6 TRILHÃO

PROJEÇÃO DO PIB

PAÍS	PROJEÇÃO 2015	PROJEÇÃO 2016
Rússia	-3,80%	-0,60%
Brasil	-3%	-1%
Japão	0,60%	1%
Itália	0,80%	1,30%
Canadá	1%	1,70%
França	1,20%	1,50%
África do Sul	1,40%	1,30%
Alemanha	1,50%	1,60%
México	2,30%	2,80%
Reino Unido	2,50%	2,20%
Estados Unidos	2,60%	2,80%
Espanha	3,10%	2,50%
Arábia Saudita	3,40%	2,20%
Nigéria	4%	4,30%
China	6,80%	6,30%
Índia	7,30%	7,50%

Fonte: Fundo Monetário Internacional (FMI).

ANÁLISE

O Brasil se endividou e está em um abismo financeiro e econômico

Antônio Marcus Machado
economista e professor
universitário



O Produto Interno Bruto (PIB) representa a força da economia de um país. É como se fosse uma alavanca que movesse o presente em direção a um futuro desejado e projetado.

Quando ele cresce, sobe também o otimismo e confiança no meio empresarial. Quando ocorre o contrário, a atividade econômica, como uma cabeça de jabuti, se encolhe e tenta se abrigar na segurança de seu casco. Exatamente assim está o Brasil.

Mas, infelizmente, por incompe-

tência e falta de caráter, seu casco é muito frágil. De forma geral, vários países da América do Sul reforçaram esse casco com a elevação dos preços das commodities na última década, hoje em queda.

Já o Brasil se endividou e está em um abismo financeiro e econômico por acreditar na bonança externa. Tudo isso agravado por uma crise político-administrativa poucas vezes vista.

Sinceramente, a melhora não virá no curto prazo, pois hoje o maior adversário do Brasil é ele próprio.

Economia

Brasil e Venezuela levarão América Latina à recessão

LIMA, PERU

Maurice Obstfeld, economista-chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI), afirmou na manhã de ontem, em Lima, que o Brasil e a Venezuela fazem com que a América Latina tenha recessão em 2015.

O Fundo informou que espera uma recessão de 3% no Brasil neste ano e de 10% na Venezuela, o que deverá contribuir para que a economia de toda a região se retraia em 0,3% neste ano.

Ele disse que a queda do preço das commodities (produtos básicos com cotação global, como soja, petróleo e minério de ferro) afeta todos os países, mas alguns conseguiram enfrentar melhor os problemas, principalmente os que conseguiram fazer um bom colchão fiscal, como Peru, Chile e Colômbia.

“Se nos fixarmos no Brasil e na Venezuela vemos dois países com contração forte neste ano e com recessão no ano que vem e isso reduz o crescimento médio do continente”, disse Obstfeld, que afirmou que não há história nem solução única para os países da região.

Obstfeld disse que a depreciação das moedas dos países que expor-

tam commodities é algo natural quando cai o valor dos produtos e que isso é um fato positivo, pois mantém uma renda em moeda local, que compensa a redução do valor das matérias-primas.

Ele afirmou que isso só gera riscos para países com forte endividamento externo, mas ele disse que isso não tem sido um problema muito grande até agora.

O economista disse ainda que a desvalorização das commodities explicam parte da queda do crescimento. Falando de maneira geral sobre os emergentes, ele disse que, além da queda do preço dos produtos, muitas nações convivem com instabilidade política e perda de credibilidade fiscal, o que piora suas perspectivas econômicas.

Gian Maria Milesi-Ferreti, vice-diretor de pesquisas financeiras do FMI, afirmou ainda que o crescimento da economia argentina neste ano, causada por uma forte expansão fiscal, deverá ser revertida ano que vem com uma pequena recessão, de -0,5% a -0,2%.

Sobre a Venezuela, ele afirmou que o país já vivia problemas econômicos que foram agravados com a queda do preço do petróleo.



AGÊNCIA ESTADO

BANCO CENTRAL: aumento nos saques na Poupança levou o investimento a ter o pior resultado dos últimos 20 anos

CRISE NO BRASIL

Poupança tem retirada recorde de R\$ 5,3 bilhões

BRASÍLIA

Em plena recessão e corrosão dos salários com a alta da inflação e com juros e dólar tornando outras aplicações mais atrativas, a poupança voltou a sucumbir em setembro.

O volume de saques da caderneta foi R\$ 5,3 bilhões maior do que o de depósitos, tornando o mês passado o pior setembro dos últimos 20 anos para o investimento.

Enquanto os brasileiros aplicaram R\$ 158,2 bilhões na poupança no mês passado, a quantia de resgates somou R\$ 163,5 bilhões. Contando com os rendimentos no período, de R\$ 4,2 bilhões, o total de recursos investido na caderneta no País está em R\$ 644,1 bilhões.

No ano até setembro, o volume retirado dessa aplicação — já descontados os depósitos — foi de R\$ 53,8 bilhões. Também se trata do maior montante nos primeiros nove meses de um ano desde 1995,

quando o Banco Central começou a compilar as informações disponíveis até hoje.

Até então, o pior setembro para a caderneta havia sido em 2000. Na ocasião, o resultado ficou negativo em R\$ 1,9 bilhão, volume que foi ultrapassado com folga este ano.

O resultado de 2015 até agora também é significativo: pela primeira vez desde 2003 se vê um volume de resgates maior do que o de aplicações em todos os meses de um ano de janeiro a setembro.

A situação de setembro só não foi pior porque, no último dia do mês, a quantidade de aplicações

foi R\$ 4,2 bilhões maior do que o das retiradas. Até o dia 29, o saldo da caderneta estava no vermelho em R\$ 9,5 bilhões. É comum ocorrer um aumento dos depósitos no último dia de cada mês por conta de aplicações programadas já automaticamente por investidores com seus próprios bancos.

Para o Banco Central, há evidências de que boa parte dos saques de poupança vistos desde o início do ano é de um grupo considerado de “novos investidores”, que tinham escolhido a caderneta no passado como uma forma de investimento em um momento de maior rentabilidade dessa aplicação.

“O depósito de poupança é estável tradicionalmente. Mesmo quando há migração, o depósito de poupança — mais a rentabilidade — tem estabilidade grande historicamente, mesmo em momentos de alta de juros. É muito estável”, avaliou o diretor de Fiscalização do BC, Anthero Meirelles.

“Mesmo quando há migração, o depósito de poupança tem estabilidade grande historicamente”

Anthero Meirelles, diretor do BC



MAURICE OBSTFELD culpa crise política e queda no preço de commodities

Ameaça de rebaixamento

SÃO PAULO

O vice-presidente da agência de classificação de risco Moody's, Mauro Leos, disse ontem que um eventual fracasso do governo em implementar as medidas de ajuste fiscal e de reequilíbrio econômico poderia levar ao rebaixamento da nota de crédito do Brasil. Assim como a “uma instabilidade política maior que o esperado”.

“Esses são fatores que nos levariam a ter uma visão negativa sobre as condições de estabilização econômica e do ambiente político”, disse Leos, em apresentação da agência a executivos em São Paulo.

“Ou seja, se concluirmos que o Brasil não será capaz de alcançar o crescimento econômico, a consolidação fiscal será necessária para a sustentabilidade a médio prazo”, acrescentou. Leos reafirmou, porém, que a agência não deve tirar o grau de investimento do Brasil ao menos até o início do próximo ano.

Em 11 de agosto, a Moody's rebaixou a nota do Brasil de “Baa2”

para “Baa3”, o que mantém o País no grau de investimento, espécie de selo de bom pagador, mas apenas uma nota acima do nível especulativo. A perspectiva foi alterada de negativa para estável, o que indica que não haverá novas revisões a curto prazo.

“A palavra-chave hoje é tendência, mais do que números. Tendência para a dívida pública e para o crescimento. Temos que esperar até o início do próximo ano e ver como evolui o relacionamento entre administração federal e Congresso”, disse Leos.

Para conseguir estabilizar a relação dívida pública/PIB, o Brasil precisará crescer à taxa de 2% ao ano e obter superávits fiscais de 2% do PIB, segundo Leos.

Já o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, disse que a capacidade de resposta da economia brasileira é grande e pode surpreender inclusive os analistas estrangeiros.

A frase de Levy rebate o posicionamento da agência Moody's, que cobrou a melhora do cenário econômico para 2016.

Produção de veículo cai 42%

Com 174,2 mil unidades fabricadas (incluindo carros de passeio e veículos pesados), o mês de setembro foi o pior para a produção de veículos desde 2003.

O dado foi divulgado ontem pela Anfavea (associação nacional das montadoras). O número representa queda de 42,1% na fabricação em comparação com setembro de 2014. No acumulado do ano, a redução chega a 20,1% — na base comparativa, a produção atingiu o mesmo nível de 2006.

As vendas de veículos de passeio e comerciais leves caíram 21,7% no acumulado do ano e 3,6% entre agosto e setembro. O dado comprova que a esperada retomada do setor no segundo semestre ainda



AGÊNCIA ESTADO

MONTADORA: queda nas vendas

não se concretizou. No setor de ônibus e caminhões, a queda entre janeiro e setembro ficou em 44%.

A entidade revisou para 26,5% a queda nas vendas de carros de passeio e comerciais leves em 2015. Já a retração no segmento de veículos pesados deve chegar a 45,4%. O estoque chega ao equivalente a 52 dias de venda.

A Anfavea acredita que o ajuste ocorrerá nos próximos três meses, o que significa que haverá novas paradas de produção. Na comparação entre setembro de 2015 com 2014, a redução de vagas nas empresas filiadas à Anfavea atingiu 9,6%. Hoje, há 133.609 empregados nas montadoras, equivalente ao número em 2008.